

Rachel Almeida^{ra}

LEANDRO GOMES DE BARROS



BENTO, o milagroso de Beberibe



Peleja de Antonio Baptista e Manoel Gabeceira



A venda, Rua do Alecrim 98 E



Bento, o milagroso de Beberibe

Pernambuco é um Estado
Aonde tudo se apoia
E quasi todos os annos
Vem de novo uma pinoia,
Este anno em Beberibe
Milagre já está de boia.

O que já morreu está morto
E quem escapou não morre,
Devemos aproveitar
Emquanto o alambique corre,
Ainda que a morte venha
Tem o Bento que soccorre.

Um dia desses, eu vindo
Da Fabrica Camaragibe,
De volta vi muita gente
No cães de Capibaribe,
Tudo dizia a um tempo :
—Tem um santo em Beberibe.

26
Rachet
24 - Novembro 9/2

Dirigi-me a um rapaz
E perguntei-lhe o que era ;
—Disse o rapaz—é um homem
Que o povo no céas espera,
Cura gente com milagre
E é curador de vera.

Eu indaguei como era
A cura que elle fazia,
Então o moço me disse
Que com certeza sabia
Era com almas de indios
E agua de pote, fria.

Tanto que o rapaz disse :
—Vai se fechar o hospital ;
A pharmacia, adens viola,
A medicina vae mal.
Remedio perdeu a moda,
Se acaba tudo afinal.

Disse a pessoa—elle lá
Faz a cousa de maneira,
Que a «Sande da Mulher»
E o «Elixir de Nogueira»
Tem o valor das bananas
De tarde, no fim da feira.

Com almas de dez caboclos
E um frasco d'agua fria

Cura erysipelae lasthma
Rheumatismo e anemia,
Dôr de cabeça, enxaqueca,
Bexiga o dyspepesia.

Renova a pessoa velha,
Põe na idade que quer,
Faz cair cabellos brancos
Da pessoa que os tiver
Faz serem pretos ou louros,
Da côr que o dono quizer.

Os reporters de um jornal
Foram lá, tomaram nota.
Disse-lhe um dos curados
Que ali não tinha lorota
O homem aqui tira lingua
Endireita e depois bota.

Chegou um aleijado
Que causava até assombro,
As pernas já estavam seccas
Tinha nas costellas um rombo,
Foi lá em duas molêtas
Voltou com ellas no hombro.

Aqui havia uma moça
Pobresinha, mas, honrada,
Não a queriam por pobre,
Já estava desenganada,

Com 3 gottas d'agna benta
Foi pedida, está casada.

Dizem que no Amazonas
Elle ganhava até apostas
E uma viuva lá
Foi uma das grandes mostras
Botou agna no defunto
Trouxe elle vivo nas costas.

Ella foi ao cemiterio
Viu a cova do defunto,
Tirou da agua do Bento
E passou na cova um unto,
Não trouxe dois outros vivos
Porque achei que era muito.

Eu fui um dos que fui lá
Quando elle appareceu,
Meu bigode era pequeno
Mas num instante cresceu
Tanto que minha mulher
Disse que não era eu.

Quando os meninos me viram
Foi sem limite o sussurro,
Um me ameaçava pau,
Outro soltava-me murro,
Gritando tudo a um tempo:
Um pai assim só p'ra burro.

A mulher me perguntou
E quem é vossa mercê ?
Eu disse sou seu marido.
Ella disse—quem você ?
Disse—o caçula de todos:
Esse é lá papai o que!

Disse o menino papai
E' um velho rabugento
Tem cento e vinte janeiros
Já tem o couro cinzento
O Sr. ainda é rapaz
Robusto e bem corpulento.

O Sr. diz que é papai ?
Porém, assim não se safa
O palitot de papai
Parecia uma tarrafa
A cabeça côr de neve
O queixo como garrafa.

O Sr. aqui não entra
Da calçada logo arribe
Senão eu metto-lhe o pau
Pois a lei não me prohibe
Eu disse sou teu pai mesmo
Vim hoje de Beberibe.

Na bolsa no corpo em tudo
Eu já sentia desfalque

Foi tocar nagua do Bento
Senti inteiro meu frack
Apareceu-me bigode
E nasceu-me cavagnac.

Ahi o menino disse
Hoje eu levo mamãe lá
Ella vive muito rouca
Eu lhe disse : deixe está
Você é muito creança
Ainda não sabe o que ha.

Sogra muda e mulher rouca
São de bem necessidade
Esses dois incommodos nellas
São de grande utilidade
Quando nada essas assim
Descançam a humanidade.

O menino perguntou-me
Papai como isso se deu ?
De que forma é esse homem ?
Como foi que appareceu ?
Cahi do ceu por descuido ?
Seria trovão que deu ?

Então eu disse : não sei
Se elle foi ou não nascido
Só sei que elle faz milagre
E é muito concorrido.

Muito breve o hospital
Será até demolido.

Mas que remedio dá elle ?
O menino perguntou :
— Eu disse : agua do pote
Foi o que elle me applicou.
Bebi e com 10 minutos
O *cavagnac* apontou.

Muitos dizem que elle é santo
Veio do céu enviado
Assim dizem dez ou doze
A quem elle tem curado
E' cada espiritão
Que está ali encostado.

Tomara que elle não vá
Para as bandas de Santo Amaro
As sogras no cemiterio
Só andam tomando faro
E minha sogra esta lá
Se sahir me custa caro.

Segundo o que eu tenho ouvido
Dizer o que elle está fazendo
Cego já tem ido lá
Bebe a agua d'elle e volta vendo
Tem ido gente sem pernas.
E volta de lá correndo.

A casa onde elle habita
Vive cheia como um ovo
As vezes cura 3 mil
Chega outro tanto de novo
Com 2 ou 3 potes d'agua
Cura elle todo povo.

Aqui tem uma mulher
Que 3 linguas possuia
Admira a todo mundo
Como é que ella comia
E 3 linguas n'uma bôcca
Eu nem sei como cabia.

Tomou agua milagrosa
Não tem cicatriz alguma
Tratamento de 10 horas
Ella ficou bôa d'uma
Caliram logo 2 linguas
Quasi fica sem nenhuma.

Agora note o leitor
A que ponto ia chegar
Mulher só tendo uma lingua
Já não se pode aturar
Existindo uma com 3
Quem a podia supportar

Peleja de Antonio Baptista e Manoel Cabeceira

A. B.—Sr Manoel Cabeceira
Eu sou Antonio Baptista
Canto a 4 ou 5 annos
Mas nunca per'li conquista
Desejo cantar comsigo
Tirar-lhe o panno da vista

Cabeceira—menino quem é você ?
Tão novo e tão malcreado
Isso foi falta de couro
Seu pae era descuidado
Não o cortou em pequeno
Deixou-o precipitado.

B—Cabeceira eu aprendi
Na escola de Romano,
Que no logar que cantava
Deixava a mostra do panno
Tomei licão com Ugulino
Me exercitei com Germano.

C—Eu cantei com todos esses
Antes do senhor nascer,

Fiz Romano atropellar-se
E fiz Germano correr
Abocanhei Ugolino
Porem não pude o morder

B—Pode ter sido um Romano
Algum velho muito antigo
O que foi meu professor
Só sendo por um castigo
E Germano da alagôa
Nunca correu de perigo.

C—Se Germano fosse vivo
Inda fosse cantador
Eu mandaria chamal-o
Juntava-o com o senhor.
Para dar de uma vez só
Em discipulo e professor.

B—Você via nessa hora
O sol gelar e tremer
Defunto na sepultura
Erguer a fronte e gemer
O mar vomitar as aguas
As almas do céu descer.

C—no tempo que eu era moço
Que dava muito em menino
No dia que eu pegava
Um cantor pequenino

Só quem podia acudil-o
Era Germano ou Ugolino.

B—Eu podia ter 3 annos
Ainda brincava nú,
Mas um dia fiz um velho
Subir num mandacarú
Sem roupa, e até calçado
Com botas de couro crú.

C—Menino você assim
Se habilita advertir
Só sabe multiplicar.
Não sabe diminuir
O defeito foi do mestre
Que lhe ensinou a mentir.

B—Digo como José Duda!
Um cantor de Pernambuco
Respeite-se o homem velho
Quando errar que está caduco
Quem ignorar um velho
E' tido por um maluco.

C—Em moço sempre cantei
Com Romano no Teixeira
Ugolino em Sergipe
Ignacio da Catingueira
Via-se mais de 10 duzias
De cantadores crueira.

B—Romano era professor
Germano decurião
Ugulino era vigario
Patricio era capellão
E Verissimo era rapaz
Servia de sachristão.

C—Você fallou na igreja
Devia ir ao final
Quando se faz uma obra
Se aprompta tudo em geral
Faltou-lhe o bispo e o nuncio
O papa e o cardeal

B—Meu velho dou-lhe conselho
A fine mais a memoria
Procure o bisaco velho
Ver se ainda acha uma historia
E se despeça da vida
Como Lucifer da gloria.

C—Não admiro Alexandre
Guerrear com tal vantagem
Napoleão lutar tanto
Só perder uma viagem,
Mas você partir a mim?
Acho ter muita coragem.

B—Collega, vamos agora
Ver quem sustenta o rojão

Com pouco o dia amanhece
E eu tenho obrigação,
O senhor está muito velho
Não aguenta questão.

C—Baptista eu já sou idoso,
Porem, meu nome inda brilha,
Eu ainda caço de noite,
Rastejo e não perco trilha,
Dou tapa em bocca de moço
Quo os dentes dançam quadrilha.

B—Eu sempre ouvia dizer
Por minha mãe e meu pae,
Carreira de velho é chôto
E não chega aonde vae
E só levanta poeira
Na occasião que cae.

C—O senhor se orgulha tanto
Quando falla em mocidade
Eu nemca tive esse orgulho
Quando tinha sua idade,
Tem mais moços do que velhos
No chão da eternidade.

B—A velhice nesse mundo
Pode ser equiparada
Com uma fructa na feira
Depois de estar bem passada,

Que no fim da feira o dono
Dá por pouco mais ou nada.

C—Baptista eu sou cantador
Que não aggravo a ninguem
Canto com todos os collegas,
Porem, os tratando bem,
Nunca gostei de notar
Defeitos que os outros têm.

B—Eu vi o senhor chegar
Fallando um pouco imprudente,
Contando muitas bravuras
Dando signal de valente,
Eu disse: esse velho acode
La vae madeira p'ra frente.

C—Você é moço, eu sou velho
Mas, não estou desanimado,
Barco só deve perder-se
Depois de bem carregado,
O risco que corre o páo
Corre tambem o machado.

B—Meu machado é de aço puro
Podé a tudo resistir
Só Nicrando em Pajeú
Foi quem ponde o construir
Nicandro não faz machado
Para qualquer páo partir.

C—Essas obras de Nicandro
A mim jámais admira
Eu tenho uma fouce d'elle
Que não corta nem embira
Elle me fez um machado
Que até em sêbo se vira.

B—Vossa mercê olvidou-se
Ou quer fallar por paixão
Não vê mais aonde bate
E' essa toda a razão,
Pensa que corta a madeira
Está enganado, é o chão.

C—Você tem toda razão
De o exaltar, é parente
Quem gaba o noivo é a noiva
Isso é cousa differente
Não ha quem taxe o que é seu
Sendo desgraçadamente.

B—Cabeceira vamos ver
De nós quem mais força tem
Desgraça não quer conselho
Pobresa não quer vintem
Em pilão que eu pisar milho
Pinto não come xerem.

C—Baptista já estou cansado
E não sei mais o que diga

Cantador nas suas unhas
E' mesmo que ter bexigas
O senhor é raciado
Com onça ou gallo de briga.

B—Meu velho eu sou raciado
Com homens de intelligencia
Homens que não estudaram,
Porem tiveram sciencia
Tiveram por mestre os livros
Nas aulas da Providencia

B—E eu fiquei no lugar
De Romano no Teixeira
De Ugulino conhecido
Por cantador de primeira
Sou inspector de-sas zonas
Governo qualquer ribeira

B—Si ainda eu tiver um filho
Esse fica em meu lugar
Para onde eu governei
Outro não ir governar
A onde existir meu nome
Cantador não pode entrar.



6058

**O autor reserva o direito de pro-
priedade**

435—Typ. do «Jornal do Recife»

(AGB)